

Mara Aline Ribeiro
Doutora em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
mara-aline.ribeiro@ufms.br

Claudia Corrêa de Almeida Moraes
Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’ (Unesp)
ccamoraes@id.uff.br

Fábia Trentin
Doutora em Turismo, Lazer e Cultura pela Universidade de Coimbra (UC)
ftrentin@id.uff.br

Roberson da Rocha Busciolli
Doutor em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
roberson.buscioli@unesp.br

RESUMO

O sistema capitalista e suas transformações estruturais expressas por meio da globalização financeira, da precariedade nas relações de trabalho e do desemprego têm impactado o trabalho, o emprego e as pessoas. Movimentos feministas se ampliam globalmente e questionam o papel das mulheres na sociedade e os estereótipos relacionados às atribuições no mundo do trabalho, orientadas e separadas por gênero. O turismo, reproduz a lógica que aloca mulheres e homens em determinados postos de trabalho e o Pantanal sul mato-grossense é um território que suscita a necessidade de desvelar o mundo do trabalho da mulher pantaneira no turismo que ocorre no entorno da Estrada Parque Pantanal, no período de 2014 a 2024. Para tanto, o percurso metodológico contou com entrevistas estruturadas e semiestruturadas em um período de dez anos, permitindo avaliar a dinâmica do trabalho da mulher ao longo do tempo, a partir do referencial teórico da geografia, do turismo e com nuances da antropologia, os quais revelaram o trabalho doméstico reprodutivo como a principal modalidade de trabalho praticado pelas mulheres do Pantanal, e projetou questões relevantes de políticas públicas de saúde, educação, moradia para atendimento a uma população invisibilizada em tempos de pandemia e mudanças climáticas que afetam a cadeia produtiva do turismo.

Palavras-chave: Relações de gênero; Trabalho; Turismo; Pantanal.

ABSTRACT

The capitalist system and its structural transformations, expressed through financial globalization, precarious labor relations, and unemployment, have impacted work, employment, and individuals. Feminist movements are expanding globally, questioning the role of women in society and the gender-based stereotypes related to work assignments. Tourism reproduces the logic that allocates women and men to specific jobs. The Pantanal sur-mato-grossense is a territory that highlights the need to unravel the world of work of Pantaneira women in tourism around Estrada Parque Pantanal, from 2014 to 2024. To this end, the methodological approach included structured and semi-structured interviews over a ten-year period, allowing for the assessment of the dynamics of women's work over time, based on theoretical frameworks from geography, tourism, and anthropology. These frameworks revealed reproductive domestic work as the main type of labor practiced by Pantanal women and highlighted significant issues regarding public policies on health, education, and housing



to address the needs of an invisibilized population during times of pandemic and climate change affecting the tourism production chain.

Keywords: Gender Relations; Work; Tourism; Pantanal.

RESUMEN

El sistema capitalista y sus transformaciones estructurales, expresadas a través de la globalización financiera, la precariedad en las relaciones laborales y el desempleo, han impactado el trabajo, el empleo y las personas. Los movimientos feministas se están expandiendo globalmente y cuestionan el papel de las mujeres en la sociedad y los estereotipos relacionados con las asignaciones laborales, orientados y separados por género. El turismo reproduce la lógica que asigna a mujeres y hombres a ciertos puestos de trabajo. El Pantanal sur-matogrossense es un territorio que pone de relieve la necesidad de desentrañar el mundo del trabajo de las mujeres pantaneiras en el turismo en torno a la Estrada Parque Pantanal, de 2014 a 2024. Para ello, el enfoque metodológico incluyó entrevistas estructuradas y semi-estructuradas durante un período de diez años, lo que permitió evaluar la dinámica del trabajo de las mujeres a lo largo del tiempo, basado en marcos teóricos de la geografía, el turismo y con matices de la antropología. Estos marcos revelaron el trabajo doméstico reproductivo como la principal modalidad de trabajo practicada por las mujeres del Pantanal y proyectaron cuestiones relevantes sobre políticas públicas en salud, educación y vivienda para atender a una población invisibilizada en tiempos de pandemia y cambios climáticos que afectan la cadena productiva del turismo.

Palabras clave: Relaciones de género; Trabajo; Turismo; Pantanal.

1.INTRODUÇÃO

As transformações estruturais do sistema capitalista e sua disseminação têm provocado impactos diretos sobre o trabalho e o emprego, atingindo as pessoas que participam destas relações (ANTUNES, 2002), tornando-se um dos problemas na sociedade contemporânea, que se manifestam, principalmente, por meio da globalização financeira, do aumento da precariedade nas relações de trabalho, das altas taxas de desemprego, do deslocamento geográfico de entidades produtivas que absorvem mão de obra, e pela redução de vagas de emprego tanto na indústria quanto no setor de serviços (WOLECK, 2002).

De acordo com a concepção marxista, a história humana se objetiva mediante o ato de produção da existência material, que se realiza pelo trabalho (MARX; ENGELS, 2007). Antes da ascensão da burguesia no século XVIII, o trabalho era compreendido como uma ação humana para atingir um propósito, tendo como fim a criação de bens que supram as necessidades de sobrevivência culturais e psicológicas. Nessa congruência, havia uma distinção entre o trabalho manual e o trabalho intelectual, sendo o manual desprezado. Esta situação se altera com o trabalho se tornando uma mera atividade de subsistência e de satisfação de carências imediatas (MERCURE; SPURK, 2005).

É nesse momento histórico que a lógica do trabalho permeia todas as esferas sociais e da existência humana, transformando-se em emprego na sociedade moderna. A ocupação se torna emprego, negócio e profissão, relacionando-se ao trabalho feito para outra pessoa em uma organização produtiva e pelo qual há o pagamento de rendimentos, cujos bens e serviços são passíveis de transações de mercado (CASTELLS, 2009).

Desde o século XIX, com o aparecimento do turismo contemporâneo, as relações de trabalho e emprego ocorrem neste setor socioeconômico. Como resultado de um processo social, o turismo



reflete as condições da sociedade de onde é proveniente, embora seja um fenômeno globalizado, nos territórios turistificados há peculiaridades e similaridades em relação a outros territórios, sendo uma delas as questões do trabalho e emprego em relação aos gêneros.

Para Martins *et al.* (2002), a partir do século XXI, o estudo de gênero no trabalho e no emprego tem alcançado maior interesse de pesquisadoras/es motivadas/os pela existente desigualdade da condição laboral entre os gêneros masculino e feminino.

Apesar de todos os movimentos feministas, iniciativas, lutas e conquistas, a realidade discriminatória na vida das mulheres continua. Embora haja evidências de uma maior participação das mulheres na sociedade, também se observa a reafirmação de antigos estereótipos relacionados às atribuições das mulheres e dos homens no mundo do trabalho¹ (RAMOS; PINTO, 2018).

Diante do exposto, o objetivo deste estudo é desvelar as dificuldades no mundo do trabalho da mulher pantaneira no turismo que ocorre no entorno da Estrada Parque Pantanal, no período de 2014 a 2024.

Para tanto, o referencial teórico se apoia nos estudos do turismo, da geografia permeados pela antropologia, nas especificidades do território pantaneiro e no trabalho da mulher. Optou-se pela metodologia qualitativa, utilizando uma investigação referenciada a partir de dados oriundos de pesquisas semelhantes, realizadas com interlocutoras escolhidas a partir de critérios pré-estabelecidos. Esse tipo de estudo permite avaliar o comportamento da resposta ao longo do tempo e, assim, revelar momentos importantes que são passíveis de mudanças dentro da delimitação temporal proposta.

O artigo está estruturado em seis seções, além desta introdução. A segunda seção discute o feminino e o trabalho no turismo, iniciando com a questão de gênero e a desigualdade entre mulheres e homens, abrindo caminho para as reflexões sobre o trabalho feminino no Brasil e, depois, o trabalho feminino no turismo no Brasil. A terceira seção abarca o *locus* da pesquisa, o Pantanal Sul Mato-grossense, especificamente na Estrada Parque do Pantanal, localizada no estado do Mato Grosso do Sul, descortinando o território da pesquisa. Na sequência, se apresenta o percurso metodológico e, na quinta seção, em ‘Vidas marcadas pela vulnerabilidade: trabalhadoras do turismo no Pantanal Sul Mato-grossense’, são apontados os resultados e as análises da pesquisa. Finalmente, seguem as considerações finais.

¹ [...] o conjunto de fatores que engloba e coloca em relação a atividade humana de trabalho, o meio ambiente em que se dá a atividade, as prescrições e as normas que regulam tais relações, os produtos delas advindos, os discursos que são intercambiados nesse processo, as técnicas e as tecnologias que facilitam e dão base para que a atividade humana de trabalho se desenvolva, as culturas, as identidades, as subjetividades e as relações de comunicação constituídas nesse processo dialético e dinâmico de atividade. Ou seja, é um mundo que passa a existir a partir das relações que nascem motivadas pela atividade humana de trabalho, e simultaneamente conformam e regulam tais atividades (FIGARO, 2008, p. 92).



2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A mulher e o trabalho no turismo

O conceito de gênero é construído socialmente e se firma no substrato material do corpo. O diálogo entre gênero e patriarcado revela que a construção do gênero é resultado de fatores sociais e não de uma natureza inerente. A representação de patriarcado enfatiza o termo dominação-exploração e possibilita a “análise histórica de uma ordem política da primazia masculina” (MOREIRA, 2016, p.8).

Matos (2008) e Saffioti (1992) esclarecem que a sociedade atribui a cada indivíduo um papel social em função ou em relação a um comportamento esperado, fundamentado em seu sexo biológico. O gênero é uma construção social que busca definir pessoas em sociedades, relacionando-as às suas contribuições na produção e reprodução da existência. Como cita Izquierdo (1992), gêneros são modelos que se impõem ditatorialmente às pessoas em função de seu sexo. Por essa ótica, o gênero masculino não é sinônimo do sexo masculino, assim como o gênero feminino não é sinônimo do sexo feminino.

No âmbito laboral, as contribuições na produção e na reprodução das existências, em termos de modo e espaço, apresentam diferenças entre homens e mulheres na história ocidental contemporânea e são divididas em duas esferas: a de sobrevivência (doméstica) e de transcendência (pública).

Ainda que, hodiernamente, esta representação social tenha se modificado significativamente, a esfera de sobrevivência continua sendo considerada feminina, enquanto a de transcendência é vista como masculina. Cabe ressaltar que, apesar da separação da sobrevivência e transcendência em duas esferas, Izquierdo (1992) assinala que a alienação entre ambas é sem sentido, dada a necessidade de interdependência entre elas. Não se trata de estabelecer valorações a respeito da importância de cada esfera, mas sim de reconhecer que sobrevivência e transcendência, tanto no âmbito doméstico quanto no público, assim como masculinidade e feminilidade, compõem uma mesma realidade única e indivisível.

A construção social que subordina a mulher, por meio dos espaços de aprendizado e dos processos de socialização, acaba sendo naturalizada, reforçando preconceitos e estereótipos de gênero, sustentados pela determinação biológica. Esta diferença biológica é convertida em desigualdade social com aparência de naturalidade (SAFFIOTI, 1992).

Outra questão fundamental desta relação se refere à responsabilidade da economia do cuidado no bem-estar social e na geração de empregos (OIT, 2018; CEPAL, 2016). A economia do cuidado atua no espaço doméstico (na esfera da sobrevivência dos corpos), sendo responsável por possibilitar quaisquer outras atividades remuneradas (FEDERICI, 2019). Conforme a Organização Internacional do Trabalho (OIT), 76% do trabalho de cuidado é realizado por mulheres (POSTHUMA, 2021).



O tempo dedicado a esta economia é utilizado para cozinhar, limpar, cuidar de crianças, idosos, doentes ou deficientes. Historicamente, a mulher foi condicionada como a principal trabalhadora desta economia. Posthuma (2021) esclarece que, quando as condições financeiras da família permitem, o serviço de cuidado remunerado fica a cargo de trabalhadoras domésticas, já nas famílias com menor renda disponível, são as mulheres que assumem este papel sem remuneração.

Em muitos casos, o trabalho de cuidar é entendido como um ato de amor aos outros e não como um trabalho produtivo, uma percepção inculcada na mulher dentro da engrenagem social patriarcal. Ao considerar o cuidado desta maneira, a mulher é posicionada como trabalhadora de segunda classe, tendo seu trabalho desvalorizado (HIRATA, 2022)².

No turismo, essa lógica não apenas se reproduz, mas se destaca na correspondência das atividades relacionadas a cargos operacionais em detrimento dos gerenciais, levando em conta questões de gênero, de escolaridade, de raça, salarial e do trabalho na economia do cuidado, entre outros.

2.2 O lugar da mulher no trabalho com o turismo

Nos últimos 30 anos, de acordo com Feijó (2023), muitas mudanças ocorreram na sociedade e no mercado de trabalho brasileiro, as quais contribuíram para a maior inserção da mulher nesse mercado. Dentre as transformações se destacam: a expansão econômica e a urbanização das cidades a partir de 1970, a necessidade de aumento do contingente de trabalhadoras, as alterações ocorridas nas normas/convenções sociais advindas das mudanças nas estruturas das famílias e na divisão de responsabilidades nas casas, os papéis de gênero foram alterados e um crescente interesse no combate às desigualdades, além de ambientes mais diversos (FEIJÓ, 2023, [s/n], adaptado pelas autoras).

Apesar destas modificações, a inserção da mulher no mercado de trabalho ainda enfrenta problemas amplamente conhecidos, como taxas de desemprego mais altas, menores salários, dificuldades de crescimento profissional e maior informalidade (DIEESE, 2024).

Em 2022, as mulheres representavam 53,3% da taxa de trabalhadoras ocupadas, em busca de trabalho ou disponíveis para trabalhar, enquanto essa taxa para os homens foi de 73,2%. Outro dado que descortina a diferença entre gêneros é a jornada de trabalho total, que inclui ocupações no mercado de trabalho remunerado e no doméstico não remunerado. Em 2022, a carga horária semanal total das mulheres foi de 54,4 horas enquanto a dos homens foi de 52,1 horas (IBGE, 2023).

No Brasil, as mulheres têm maior escolaridade em relação aos homens, todavia, essa diferença não tem garantido cargos e salários condizentes com sua formação. Em 2023, a média salarial dos homens foi de R\$ 4.495,39, e das mulheres de R\$ 3.565,48, evidenciando a disparidade salarial entre

² Em 2011, foi aprovada a Convenção sobre o Trabalho Decente para as Trabalhadoras Domésticas e os Trabalhadores Domésticos (Convenção nº 189-C189), da Organização Mundial do Trabalho (OIT). O Brasil ratificou a C189 em 2018 e em 2019 ela entrou em vigor.



gêneros (MTE, 2024). As mulheres também recebem cerca de 20% a menos que os homens, de acordo com o 1º Relatório Nacional de Transparência Salarial (BRASIL, 2024). Em resposta a esta persistente situação, foi estabelecida a Lei 14.611/2023, como uma tentativa de reverter essa desigualdade, criando parâmetros para enfrentar a falta de isonomia de salário entre homens e mulheres. Como essa é uma ação recente, ainda não há resultados concretos.

Além dos salários, os cargos também mostram discrepâncias entre gêneros. Em 2022, conforme o IBGE (2023), 39,2% dos cargos de gerência eram ocupados por mulheres, enquanto 60,5% estavam referenciados por homens. O DIEESE (2024) esclarece que a diferença no rendimento médio mensal entre homens e mulheres é maior entre aquelas com ensino superior. Neste nível de escolaridade, as mulheres recebiam 35,5% a menos que os homens. Esta condição evidencia que a existência de uma barreira invisível que dificulta o acesso das mulheres a níveis mais altos da hierarquia organizacional das empresas (HYMOWITZ; SCHELLHARDT, 1986).

Entre as mulheres persiste a condição de trabalhadoras na informalidade no mercado de trabalho, com um número cada vez maior de trabalhadoras por conta própria, assalariadas sem carteira e trabalhadoras domésticas sem garantia de direitos trabalhistas. Além disso, há um número significativo de mulheres em subocupações, com poucas horas de trabalho, rendimentos baixos e sem acesso à proteção legal (DIEESE, 2024).

No que se refere ao objeto de estudo deste artigo, o turismo, este oferece oportunidades acessíveis para as mulheres, mas também enfrenta disparidades semelhantes às citadas dos trabalhadores em geral. De acordo com uma pesquisa da UN *Tourism* (2019), as mulheres ocupam 54% da força de trabalho do turismo no mundo, sendo a hotelaria a sua maior empregadora (52% das vagas) e 15% dos empregos femininos aludem-se as pessoas jovens. Referente ao setor hoteleiro no Brasil, a maioria dos seus trabalhadores são mulheres e estas recebem em média 14,7% a menos que os homens.

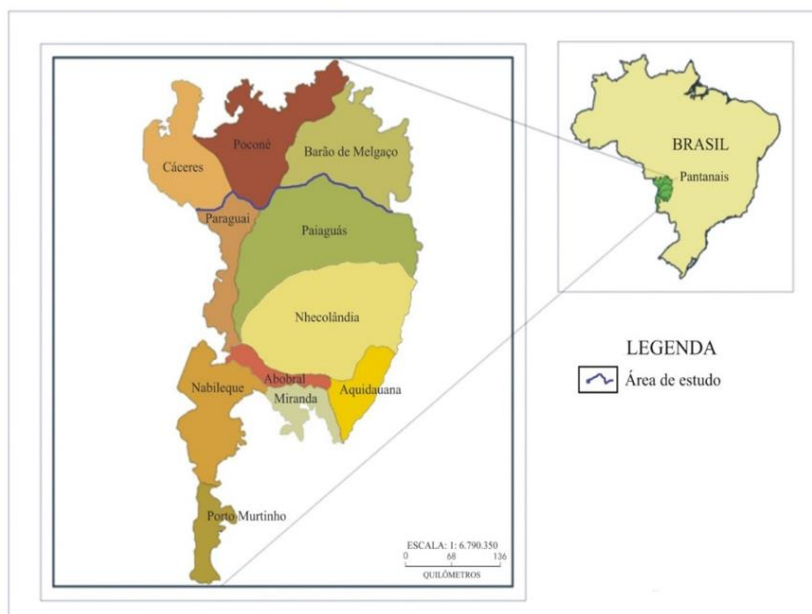
Um indicativo dessa disparidade de condições em relação às trabalhadoras e aos trabalhadores pode ser exemplificado com os empregos perdidos no setor de viagens e turismo em decorrência da pandemia de Covid-19, quando maioria destas ocupações era de postos de trabalho ocupados por mulheres (WTTC, 2021).

2.3 O Pantanal e o turismo

Ao fazer um recorte espacial da pesquisa optou-se por delimitar o estudo no entorno da Estrada Parque Pantanal, localizada na porção sul do Pantanal, no estado de Mato Grosso do Sul-MS, a maior planície alagável no mundo, com mais de 150 mil quilômetros quadrados se estende para o estado de Mato Grosso e para os países vizinhos Bolívia (18%) e Paraguai (4%), conforme (Figura 1).



Figura 1 - Localização do Pantanal no Território Brasileiro



Fonte: Araújo (2009)

A planície pantaneira tem sua principal nascente no rio Paraguai, localizado no estado do Mato Grosso. Na região oeste do Mato Grosso do Sul, a confluência com afluentes e fatores físicos, como a baixa declividade, desempenham um papel fundamental na dinâmica das inundações (IBGE, 2020).

Referenciado como Patrimônio Natural da Humanidade, título concedido pela UNESCO, o Pantanal é conhecido pela exuberância da fauna e da flora e pela piscosidade dos rios que cortam a Bacia do Alto Paraguai.

No Pantanal Sul Mato-grossense, se encontra a Estrada Parque Pantanal, onde o estudo foi realizado. Segundo o Instituto do Meio Ambiente do Mato Grosso do Sul (IMASUL, 2024), a Estrada Parque Pantanal é uma Área de Interesse Turístico (AEIT) criada pelo Governo do Estado do Mato Grosso do Sul, em março de 1993. Ela compreende trechos da MS-184 e da MS-228, abrangendo os municípios de Miranda, Corumbá e Ladário, com uma área de 6.880 hectares, dos quais 85% no município de Corumbá. São 116 quilômetros de estrada de terra, com 74 pontes de madeira. Neste percurso é possível desfrutar de paisagens variadas, desde serras e campos, corixos e o Rio Paraguai, além das áreas de inundação, sempre repletas de animais da fauna pantaneira. Os objetivos da Estrada Parque são a conservação da biodiversidade e a promoção do ecoturismo, com atrativos como as pousadas e a observação de fauna e flora (IMASUL, 2024).

O turismo, enquanto atividade econômica, influencia na dinâmica social e na economia da localidade, porém sem sobrepor a sua principal atividade econômica, a produção bovina, com cerca de duzentos anos (ARAÚJO, 2009). A prática turística começou a se desenvolver progressivamente a partir dos anos 70 do século XX. Entretanto, foi na década de 1990 que a atividade se estruturou, permitindo a construção de um espaço turístico de qualidade, baseado na natureza pantaneira e suas gentes.



Nesse ambiente, quase cênico, se configura a produção turística do espaço pantaneiro, principalmente no turismo de pesca esportiva e de contemplação. Inicialmente o turismo de pesca demandava infraestrutura rústica, como ranchos de pesca, camping, barco e pequenas pousadas com acomodações/alojamentos simples, para atender os ávidos pescadores que buscavam os maiores e melhores exemplares de peixe, sem se preocuparem com as comodidades pertinentes aos equipamentos turísticos. Essa demanda era atendida quase exclusivamente por mão de obra masculina, pois os grupos de pescadores, por vezes, passavam dias nas embarcações sendo assistidos por piloteiros, isqueiros³ e condutores que se responsabilizavam pela alimentação dos turistas (RIBEIRO, 2022).

A partir dos anos de 1990, os fazendeiros, até então resistentes ao turismo em suas terras, vislumbram na atividade a possibilidade de complementação de renda, considerando que a pecuária estava passando por um período de crise. Assim, as ‘porteiras’ das fazendas pantaneiras se abriram para o turismo de contemplação, atraindo turistas, sobretudo, estrangeiros, que passaram a visitar o Pantanal para vivenciar experiências imersivas na natureza.

Dentre as especificidades do turismo no Pantanal está a sazonalidade imposta para equilíbrio e proteção da ictiofauna pantaneira. Durante o período de piracema, época de reprodução dos peixes nos rios do Pantanal, o turismo de pesca é suspenso, exigindo uma reestruturação na mão de obra e na economia local.

Um fator natural importante para o turismo na região são os ciclos de cheias vazantes, responsáveis pela manutenção da vida animal e vegetal, que interfere diretamente na dinâmica turística local. No entanto, sob os efeitos das mudanças climáticas, o Pantanal vem, ao longo do tempo, perdendo o volume de água, conforme reportagem publicada no site do MapBiomias (2024). Em 2023, a superfície de água anual foi de 382 mil hectares (61% abaixo da média histórica), com redução da área alagada, tempo de permanência da água e somente 2,6% do bioma estava coberto por água.

Tudo isso potencializado por um longo período de estiagem, seca extrema e intensas queimadas, provocou uma retração no turismo local, diminuindo o número de turistas e, conseqüentemente, o trabalho no turismo.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O percurso metodológico constituiu-se na construção de um referencial teórico, apoiado em fontes sobre turismo e especificidades do território pantaneiro, no estudo de gênero no trabalho, no trabalho da mulher no turismo e em uma pesquisa de campo. Os dados obtidos foram tratados e

³ Ribeirinhos que trabalham na coleta de iscas vivas para vender aos turistas pescadores.



analisados sob à luz do referencial teórico, considerando a evolução os dados levantados ao longo do tempo, de acordo com o processo evolutivo tanto do turismo quanto da economia e do papel da mulher no mercado de trabalho com o turismo, incluindo os períodos de avanço e de retração da atividade.

A pesquisa se caracteriza pelo uso de metodologia qualitativa e descritiva, com enfoque retrospectivo, utilizando dados de pesquisas anteriores desenvolvidas com as mesmas interlocutoras. Esse tipo de estudo permite avaliar o comportamento da resposta ao longo do tempo e identificar momentos importantes passíveis de mudanças. A pesquisa abrange o período de 2014 a 2024, e ao longo desse tempo, foi importante adaptar a investigação ao contexto histórico social vigente.

A área da pesquisa foi delimitada territorialmente ao longo da Estrada Parque Pantanal, no trecho que vai desde a localidade Buraco das Piranhas - próxima ao rio Miranda -, até a comunidade do Porto da Manga, às margens do rio Paraguai, no Pantanal Sul Mato-Grossense, passando pela comunidade do Passo da Lontra e outras de menor porte.

Como critérios para escolha das interlocutoras, incluíram ser trabalhadora do turismo e morar no Pantanal, independentemente da origem, contando que, durante a entrevista residirem no Pantanal.

Empregou-se como instrumentos de coleta, questionários estruturados e semiestruturados, entrevistas abertas, rodas de conversa e, nos anos da pandemia de Covid-19, as redes sociais *WhatsApp* e *Facebook*. Com a impossibilidade de realizar campo presencial devido ao isolamento social, as redes sociais se mostraram ferramentas essenciais para a continuidade da pesquisa. Em 2024, em função das dificuldades de acesso ao Pantanal causadas pelas queimadas, esta forma de coletar dados e trocar informações continuou a ser empregada.

A construção dos questionários foi fundamentada nas seguintes variáveis: (i) atividades realizadas, (ii) regime de trabalho e remuneração, (iii) capacitação e formação profissional, (iv) empregabilidade e (v) acessos a serviços públicos.

Ao longo de dez anos (2014 e 2024), quarenta entrevistas foram realizadas, com uma média de três a cinco entrevistas por ano, algumas com as mesmas mulheres em períodos diferentes (Tabela 1). Em muitos casos, foi possível acompanhar as mesmas trabalhadoras por vários anos, fator que enriqueceu muito a pesquisa. Entre elas, três interlocutoras participam da pesquisa há oito anos.

**Tabela 01 - Quantidade de entrevistas por ano de pesquisa**

Ano	Número de entrevistadas
2014	1
2015	3
2016	5
2017	4
2018	5
2019	5
2020	1
2021	2
2022	3
2023	6
2024	5
Total	40

Fonte: Elaboração própria, 2024.

Os dados obtidos foram tratados e analisados sob a luz do referencial teórico, considerando a evolução os dados levantados ao longo do tempo, de acordo com o processo evolutivo tanto do turismo quanto da economia e do papel da mulher no mercado de trabalho com o turismo, incluindo os períodos de avanço e de retração da atividade.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Vidas marcadas pela vulnerabilidade: trabalhadoras do turismo no Pantanal Sul

As mulheres trabalhadoras do turismo na Estrada Parque no Pantanal Sul-Mato-grossenses inseriram-se neste setor socioeconômico na segunda fase do desenvolvimento do turismo nesta região. Conforme citado anteriormente, o turismo contemplativo começou a ser desenvolvido no *locus* da pesquisa na década de 1990.

Esta modalidade de turismo atraiu, além dos homens que se dirigiam ao Pantanal para a pesca, mulheres e crianças e, principalmente, turistas estrangeiros interessados em conhecer a biodiversidade da fauna e da flora pantaneira propagada internacionalmente, e em vivenciar uma experiência de um reencontro com a natureza. Essa modalidade de turismo despertou o interesse de mulheres e homens em busca de trabalho, configurando a estrutura social e cultural, dinamizando a economia local, gerando emprego e renda. Uma das interlocutoras que trabalha indiretamente com o turismo afirmou: “eu vim trabalhar prá cá em 1982, e não saí mais, parece que eu nasci aqui”.



Com a presença da mão de obra feminina, o mundo do trabalho foi reestruturado em atividades compartilhadas entre homens e mulheres, com uma divisão do trabalho mais ampla: os homens, na pecuária e no turismo; e as mulheres, mais especificamente, no turismo. O trabalho no turismo é exercido, geralmente, nas pousadas, campings e barcos de pesca.

Para compreender o trabalho da mulher nas pousadas e pesqueiros pantaneiros é preciso conhecer o próprio modelo de turismo praticado na região, as relações com o ambiente, com o rio, com as/os turistas, com as ‘patroas’ e os ‘patrões’ que ali circulam.

Em relação aos postos de trabalho ocupados por mulheres, se observou que eles reproduzem o formato de trabalho associado à economia do cuidar. As mulheres que desempenham funções operacionais estão sempre vinculadas às atividades de camareira, cozinheiras, garçonetes, limpeza, enquanto os homens, nas funções operacionais atuam como piloteiros, condutores de embarcações, mecânicos, dentre outros. A diarista de uma pousada comenta sobre as funções que desempenha: “Já fiz de tudo na pousada, de cortar cebola a arrumar cama e jogar o lixo [...]”.

Percebe-se que esta divisão do trabalho segue a tradicional distinção de gênero estipulada pela sociedade ocidental contemporânea nas duas esferas: da sobrevivência e da transcendência. Cabe às mulheres o papel da sobrevivência mesmo atuando em espaços de transcendência, reforçando o papel social do cuidar dos hóspedes ao arrumar suas unidades habitacionais, ao preparar suas refeições e ao servir as mesas na hora das refeições. Para Thomé (2018), essas mulheres pantaneiras passaram a receber por atividades remuneradas ao exercerem funções similares às que desenvolvem no ambiente doméstico.

Poucas mulheres exercem cargos gerenciais nas pousadas e nos pesqueiros, e, quando o fazem, desempenham funções indistintas entre os gêneros. A frase “estou na gerência da pousada porque tenho faculdade”, reafirma a condição posta. Demonstrando que as mulheres em funções operacionais estão inseridas na economia do cuidado numa subcategoria em relação às funções gerenciais.

No que tange ao regime de trabalho e remuneração, se constatou que os contratos de trabalho são, sobretudo, respaldados por pagamentos em formato de diária ou por temporada, ou seja, as trabalhadoras recebem apenas pelos dias trabalhados.

Diante desta informalidade e sazonalidade, as mulheres não têm seus direitos trabalhistas assegurados, sofrem quedas nos rendimentos, ausência de qualquer remuneração na baixa temporada e salários menores que os recebidos pelos homens. “Aqui na pousada é difícil, se a gente corta um dedo e não pode trabalhar, já não tem dinheiro”, reflete a fala de uma depoente sobre o problema do pagamento por diárias; se não trabalha, não recebe.

Além disso, há excesso de trabalho na baixa temporada, quando a equipe é reduzida e todas as atividades são distribuídas entre as poucas trabalhadoras que permanecem nas pousadas. A situação da mulher pantaneira corrobora com a de muitas mulheres que trabalham no turismo no Brasil,



demonstrado pelo DIEESE (2024). Pode-se considerar que estas mulheres se posicionam como subocupadas, com rendimentos baixos e sem acesso a proteção legal. Apesar da ausência de trabalho decente⁴, o trabalho reprodutivo é a principal atividade que gera renda para a sua família. Soma-se a isso o fato de que essas trabalhadoras do turismo acumulam obrigações com os trabalhos da economia do cuidado em suas casas e com os seus familiares.

Durante as pesquisas de campo foi possível identificar que trabalhadoras em funções gerenciais são as que possuem cursos de qualificação profissional, se comunicam em outros idiomas, estudam na modalidade a distância e estão em constantes atualizações de suas qualificações profissionais.

São elas, ou as proprietárias das pousadas e dos pesqueiros, que se encarregam de capacitar as trabalhadoras de funções operacionais para atuarem no setor turístico. Esse ‘treinamento’ não é realizado em forma de curso, mas de maneira informal, assentado em ações pontuais para atender demandas específicas, como citado por uma interlocutora “eu ensino a fazer uma cama bem-feita”. Reforçando a hierarquia no trabalho e relação de dependência em um formato de subjugação. Não há preocupação em qualificar as trabalhadoras no âmbito desta relação de trabalho.

Quanto à empregabilidade, durante o período analisado, verificou-se que houve uma redução nos postos de trabalho no turismo ocupados por mulheres, dado a queda do número de turistas. Essa queda foi potencializada desde 2019 por eventos climáticos como secas prolongadas e aumento das queimadas, que impactaram negativamente a piscosidade, além de a destruição da fauna e flora, que estão entre os principais atrativos turísticos da região.

A redução de postos de trabalho impacta a vida das trabalhadoras, obrigando-as a buscar outras oportunidades nas cidades vizinhas. Essas mudanças vão gerar problemas relacionados aos estudos das crianças, pela dificuldade de adaptação ao se transferirem das escolas rurais para as escolas urbanas durante o período letivo, o que aumenta a evasão e reprovação escolar. Uma interlocutora diz que “quando não tem turista, eu tenho que ir para Corumbá atrás de trabalho, às vezes de diarista ou ajudante de cozinha”

Outro problema apontado pela pesquisa é a questão da moradia. Ao mudar da área rural para a cidade, elas precisam alugar um imóvel ou morar ‘de favor’ na casa de parentes, gerando desconforto e fragilidade.

Comparando o trabalho das mulheres nas pousadas e nos pesqueiros com os dos homens no mesmo período, estes permaneceram mais tempo empregados, pois os empreendimentos os realocam

⁴ De acordo com o IPEA (2006), o ‘trabalho decente’ é o trabalho adequadamente remunerado, exercido em liberdade, equidade e segurança, e capaz de garantir uma vida digna. O conceito se apoia em quatro pilares: os direitos e princípios fundamentais do trabalho, a promoção do emprego de qualidade, a extensão da proteção social e o diálogo social.



para fazer a manutenção dos barcos, dos motores, pequenas reformas, limpeza e, em alguns casos, para ajudar na lida do gado, quando as pousadas estão vinculadas às fazendas.

Como citado anteriormente, durante a pandemia de covid-19 a maioria dos empregos perdidos eram ocupados por mulheres, e, no caso deste estudo, as mulheres enfrentam maior vulnerabilidade do que os homens.

Além desse contexto de precarização do trabalho, as comunidades instaladas ao longo da Estrada Parque Pantanal, notadamente às margens dos rios e lagoas, sofrem com a deficitária infraestrutura de serviços públicos, destacadamente, educação, saúde e moradia, impactando, sobretudo nas mulheres, na condição de mães e, em determinados casos, enquanto provedoras das famílias.

No caso do acesso à educação formal, para as gentes pantaneiras, a educação tem um valor inestimável, pois acreditam que os estudos são a única oportunidade para alcançar uma condição melhor de emprego, em comparação ao árduo trabalho das famílias.

Desde a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, quando o ensino passou a ser obrigatório a partir dos 7 anos de idade, houve uma reorganização educacional no Pantanal, culminando na instalação de escolas rurais distribuídas pela imensa planície. Atualmente, o formato das escolas é no sistema seriado e em parceria entre as prefeituras das cidades do entorno, seja Aquidauana, Miranda, Corumbá ou outras e as/os proprietárias/os de fazendas. Esse é o quadro ideal, porém, levando em conta a extensão do Pantanal, as escolas não são suficientes para atender a demanda e as famílias se veem desamparadas pelo poder público, porque o número de escolas não comporta a necessidade posta, além disso, as que têm, são distantes dos locais de moradia. A falta de regularidade no transporte escolar ou ausência do docente, que mora na cidade, prejudica o ensino e provoca evasão “[...] não é todo dia que as crianças têm aula, às vezes a professora não vem, dá até desânimo, na gente e nas crianças”, desabafa uma interlocutora. Enfim, existe um grave gargalo educacional, invisível ou fora do radar das/os políticas/os.

A questão da moradia também interfere na qualidade de vida das comunidades ribeirinhas. As casas em palafitas, são construídas em área irregular, às margens dos rios, não possuem nenhum tipo controle sanitário e estão em condições extremamente precárias, insalubres e perigosas, “[...] outro dia a filhinha da vizinha de dois aninhos caiu lá embaixo”, relata uma entrevistada, e continua, “Aqui de vez em quando cai uma pessoa, já vi uma velhinha cair, também, as tábuas apodrecem e a gente nem percebe”.

As famílias não fazem parte de nenhum programa governamental para aquisição da casa própria, justamente, porque se instalam fora da área urbana. A coleta de lixo não é regular e, por isso, os resíduos são descartados no rio ou embaixo das palafitas, aumentando a precariedade e desencadeando problemas de saúde, sobretudo, nas crianças e pessoas idosas. As vozes das



comunidades são inaudíveis e até o momento as localidades não contam com uma liderança que possa representá-las junto aos órgãos públicos.

O mesmo acontece com a saúde, a Unidade de Pronto Atendimento - UPA mais próxima fica a, pelo menos, 120 km de distância, esporadicamente, um navio da Marinha faz atendimento à população, mas sem continuidade. A Base de Estudos e Pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - BEP/UFMS que fica próxima a uma das comunidades realizava cursos de extensão universitária na área da saúde, porém, esse serviço foi interrompido com a pandemia e, até o momento, não foi retomado. É importante lembrar, que as queimadas intensas que assolam o Pantanal provocam doenças respiratórias e estomacais, em um ambiente sem nenhum tipo de atendimento médico hospitalar.

Diante do exposto, é possível afirmar que a vulnerabilidade vivida pelas mulheres trabalhadoras do turismo no entorno da Estrada Parque Pantanal vai muito além da falta de trabalho decente, na verdade, o trabalho precarizado é apenas uma das condições colocadas pelo sistema para a manutenção dos altos níveis de desigualdades sociais observados no Brasil e tal como já foi apresentado é ainda maior quando observado a questão de gênero.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de desvelar as dificuldades no mundo do trabalho da mulher pantaneira que atua no turismo, que ocorre no entorno da Estrada Parque Pantanal, no período de 2014 a 2024, este artigo percorreu um caminho de estudos de teorias, referências em trabalhos de campo que permitiram compreender essa realidade. A análise foi referenciada, sobretudo, na geografia e no turismo, sem deixar de utilizar conceitos e percepções antropológicas.

Para apreender o mundo do trabalho das mulheres nas pousadas e pesqueiros pantaneiros, foi fundamental conhecer o próprio modelo de turismo praticado na região, as relações com o ambiente, com o rio, com as/os turistas, com as 'patroas' e os 'patrões' que ali circulam e, as formas de viver destas mulheres na esfera privada e social, além do trabalho.

Destacadamente, o trabalho da mulher no turismo, no período estudado, manteve uma dinâmica constante e com poucas mudanças, até que, em 2020, acorreram a pandemia da Covid-19 e as intensas queimadas. Estes eventos repercutiram na cadeia produtiva do turismo, afetando a vida das mulheres pantaneiras, especialmente, aquelas que trabalham nas pousadas e pesqueiros. Os impactos causados pela pandemia e pelas queimadas, além de prejudicar financeiramente as famílias, trouxeram uma série de problemas estruturais, destacando questões psicológicas, como ansiedade e depressão, que as deixaram suscetíveis e fragilizadas em uma localidade que não oferece recursos de saúde para tratamento de causas psíquicas.



O fechamento de algumas pousadas, o acúmulo de funções, a diminuição da circulação de turistas, a perda do poder de compra, o aumento no valor da cesta básica, o agravamento do estado de saúde, dentre outros problemas, potencializou a vulnerabilidade social e econômica das famílias, nas quais a mulher é a provedora, responsável pelo sustento das crianças e das pessoas idosas.

Além desta percepção de mudanças mais severas neste período, de modo geral, o mundo do trabalho do gênero feminino do setor de turismo, tanto em funções diretivas como operacionais, é marcado por adversidades, desigualdades e dominações-explorações em relação ao trabalho do gênero masculino, uma condição também está presente no turismo pantaneiro.

Em síntese, estas trabalhadoras das pousadas e pesqueiros ao longo da Estrada Parque Pantanal, são, em sua maioria, mulheres jovens, com filhos/as pequenos, que vivem em casas simples em áreas rurais, sem saneamento básico e a presença de políticas públicas que as amparem nas questões da educação e da saúde. Seus empregos não possuem contratos de trabalhos formais, sendo desempenhados na informalidade, com pagamento por diária ou por temporada; sem amparo legal e garantias de trabalho, o que as deixa em uma situação vulnerável e sem muitas perspectivas, já que o mercado de trabalho é restrito, e as oportunidades disponíveis são para as funções similares às que desempenham em suas casas, como os serviços relacionados aos cuidados de pessoas, que são mal remunerados e pouco valorizados.

Elas recebem menos que os homens que também trabalham no turismo em práticas operacionais, e seus empregos são mais facilmente perdidos. Quando não há turistas, os homens são remanejados para outras funções, evidenciando a divisão do trabalho entre os gêneros. Nesse contexto, o trabalho no turismo é, ao mesmo tempo, uma fonte de renda e um setor que estabelece relação de submissão e dependência.

No entanto, já há mulheres atuando nas funções exercidas por homens e, embora ainda em condições desiguais, as mulheres com maior escolaridade, ocupam funções gerenciais no turismo pantaneiro.

Além do proposto, a pesquisa conduziu a compreensão da necessidade urgente de políticas públicas eficazes e específicas para atender uma população historicamente oprimida e invisibilizada pelo poder público. Em especial, as mulheres trabalhadoras do turismo, que, como visto, vivem uma situação de vulnerabilidade que se pode agravar ainda mais diante da iminência de desastres climáticos de grandes proporções na região nos próximos anos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**. 6 ed. São Paulo: Ed. Boitempo, 2002.



ARAÚJO, Ana Paula Corrêa de. **Pantanal: um espaço em transformação**. 2009. 315p. (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

BRASIL. **1º Relatório de Transparência Salarial**. Disponível em: <http://pdet.mte.gov.br/transparencia-salarial>. Acesso em: 6 jun 2024.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2009.

CEPAL – COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE. **Consolidar políticas integradas de cuidado: un imperativo de igualdad**. Santiago de Chile: Cepal, 2016. (Infographic, Policy Brief, n. 29).

CHANT, Sylvia. The “feminisation of poverty” and the “feminisation” of anti-poverty programmes: Room for revision? **Journal of Development Studies**, v. 44, n. 2, 165–197, 2008. <https://doi.org/10.1080/00220380701789810>.

DIEESE - Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Econômicos. **Mulheres no mercado de trabalho: desafios e desigualdades constantes**. Boletim Especial de 8 março de 2024 - Dia Internacional da Mulher. São Paulo. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2024/mulheres2024.pdf>. Acesso em 20 maio 2024.

FEIJÓ, Janaina. Diferenças de gênero no mercado de trabalho. **Portal da Fundação Getúlio Vargas**. Economia, 8 mar.2023. Disponível em: <https://portal.fgv.br/artigos/diferencas-genero-mercado-trabalho>. Acesso em: 10 jun. 2024.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2019.

FIGARO, Roseli. O mundo do trabalho e as organizações: abordagens discursivas de diferentes significados. **Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas**, ano 5, n. 9, p. 90-100, 2008.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Agência IBGE de Notícias**. PNAD Outras formas de trabalho. Em 2022, mulheres dedicaram 9,6 horas por semana a mais do que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ms.html>. Acesso em: 12 fev. 2024.

IMASUL. Instituto do Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul. Estrada Parque Pantanal. Disponível em: <https://www.imasul.ms.gov.br/conservacao-ambiental-3/estrada-parque-do-pantanal-2/>. Acesso em 11 jun. 2024.

HIRATA, Helena. **O cuidado: teoria e práticas**. São Paulo: Boitempo, 2022.

HOFLING, Eloisa de Mattos. Estado e políticas (públicas) sociais. **Cadernos Cedes, Campinas**, v. 21, n. 55, p. 30-41, nov. 2001.

HYMOWITZ, Carol.; SCHELLHARDT, Timothy. D.. The glass ceiling: Why women can't seem to break the invisible barrier that blocks them from the top jobs. **The Wall Street Journal**, v. 24, n.1, p. 1573-1592, 1986.

IZQUIERDO, M. J. **Bases materiais del sistema sexo/gênero**. São Paulo: SOF, 1992. Mimeografado.



MAPBIOMAS BRASIL. **Superfície de água no Brasil voltou a ficar abaixo da média em 2023.**

Pantanal: o bioma que mais secou. Disponível em:

<https://brasil.mapbiomas.org/2024/06/26/superficie-de-agua-no-brasil-voltou-a-ficar-abaixo-da-media-em-2023/>. Acesso em: 14 ago. 2024.

MARTINS, Ivan; DURÃES, Natasha; SILVA, Marina; MORAES, Cláudia; FRATUCCI, Aguinaldo. A produção científica em Turismo e Trabalho: uma subárea em formação? **Revista de Turismo Contemporâneo**, [S. l.], v. 10, n. 3, p. 395-416, 2022.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich.M. **A ideologia alemã**. Tradução de Rubens Enderle, Nélcio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MATOS, Maralise. Teorias de gênero ou teorias e gêneros? Se e como os estudos de gêneros e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências sociais. **Estudos Femininos**, v.16, n.2, p. 333-357, maio-agosto/2008.

MERCURE, Daniel; SPURK, Jan. **O trabalho na história do pensamento ocidental**. São Paulo: Ed. Vozes, 2005.

MINAYO, Gomez C *et al.* Saúde do trabalhador: aspectos históricos, avanços e desafios no Sistema Único de Saúde. **Revista Ciências e Saúde**. n. 23, v.6, p.1963-1970, 2018.

MTE -MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. Mulheres ganham 20,7% menos que homens em empresas com mais de 100 funcionários, aponta 2º Relatório de Transparência Salarial. 18/09/2024 10h22. Disponível em: <http://surl.li/hxwrs1>. Acesso em 20 nov. 2024.

MOREIRA, Virginia Palmeira. Raça, gênero e espaço: uma reflexão sobre lideranças negras femininas. In LIMA, Elizabeth Cristina Andrade. **Gênero e política: a disputa das mulheres por espaços de poder**. Campina Grande: EDFCG, 2016, p.313-338.

POSTHUMA, Anne Carolina. Economia de cuidado e vínculo com o trabalho doméstico: o que as tendências e políticas na América Latina podem ensinar ao Brasil. In PINHEIRO, Luciana; TOKARSKI, Carolina; POSTHUMA, Anne Carolina (Orgs.) **Entre relações de cuidado e vivências de vulnerabilidade: Dilemas e desafios para o trabalho doméstico e de cuidados remunerados no Brasil**. São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, 2021, p. 25-46. DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/978-65-5635-026-4>

RAMOS, Hannah. Santos; PINTO, Renata Almeida Bicalho. Mulher como sujeito de pesquisa nos estudos organizacionais: um levantamento bibliométrico entre os anos de 2010 a 2017. In: **V Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais**, Curitiba-PR – Brasil, p. 1-19, 2018. Disponível em: <https://www.sisgeenco.com.br/sistema/cbeo/anais2018/ARQUIVOS-resumos/GT1-241-171-20180720221653.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2024.

RIBEIRO, Mara Aline. **Entre cheias e vazantes: a produção de geografias no Pantanal**. Campo Grande: EdUFMS, 2015.

RIBEIRO, Mara Aline; VARGAS, Icléia Albuquerque. Um Pantanal de Marias e marruás. **Revista GeoPantanal**, v. 31, p. 29-45, 2022.

SAFFIOTI, Heleieth Heleieth Iara Bongiovani. Rearticulando gênero e classe social. In: **Uma Questão de gênero**. São Paulo; Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

SILVA, Iraneide. **Construção de sentidos sobre a relação tempo de trabalho e tempo livre: um olhar sobre os trabalhadores dos serviços de hospitalidade**. 2016. 210p. (Doutorado em



Administração) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

SOS PANTANAL. **Incêndios no Pantanal**: situação tende a se agravar ainda mais em 2024.

Disponível em: <https://www.sospantanal.org.br/incendios-no-pantanal-situacao-tende-a-se-agravar-ainda-mais-em-2024>. Acesso em 15 ago. 2024.

OIT – ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL DEL TRABAJO. **Care work and care jobs for the future of decent work**. Geneva: Global Report, 2018.

TEIXEIRA, Marcella; LOPES, Fernanda; GOMES JR., Admardo Bonifácio. Gênero e Feminismos: conceito e perspectivas. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia- MG, v. 32, n.1, p.405-430, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/CEF-v32n1-2019-18>

THOMÉ, Pollianna. A mulher pantaneira e sua relação de trabalho com o turismo. **Entrelugar**, v. 9, n.18, 2018.

UN TOURISM. World Tourism Organization. **Global Report on Women in Tourism - Second Edition**, 2019. <https://doi.org/10.18111/9789284420384>

WOLECK, R. S. **Lazer, Educação e Prevenção**. Campinas: Papyrus, 2002.

WTTC - World Travel & Tourism Council. **Travel & Tourism Economic Impact 2021**. Disponível em: <https://wttc.org/research/economic-impact>. Acesso em: 10 jan. 2024.